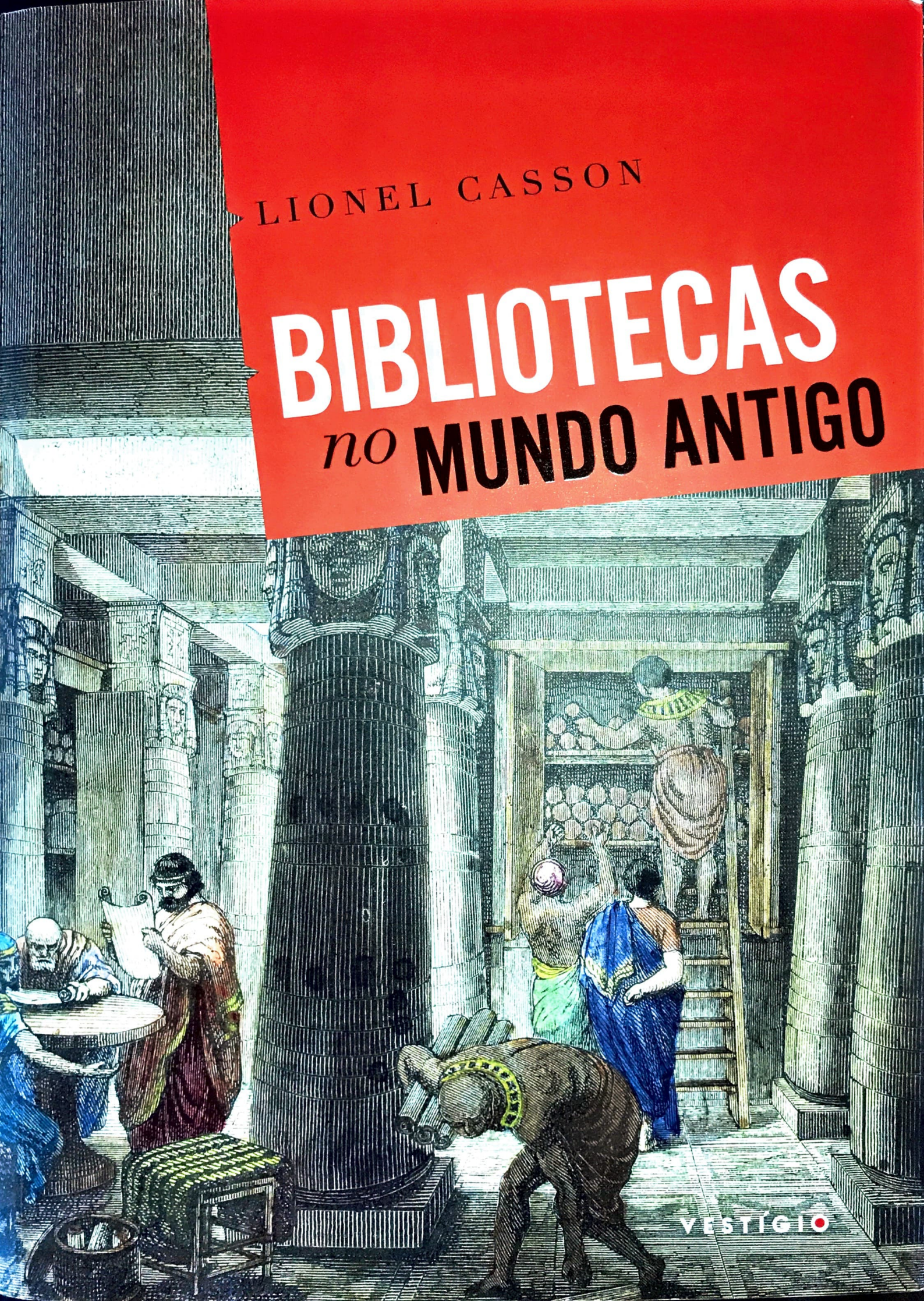


LIONEL CASSON

BIBLIOTECAS

no MUNDO ANTIGO



VESTÍGIO

A Biblioteca de Alexandria

A Biblioteca de Alexandria, fundada por volta de 300 a.C. ou poucas décadas mais tarde, foi a primeira de sua espécie, e por toda a história antiga continuou sendo a maior de seu tipo. No entanto, parece ter passado a existir de repente. A biblioteca de Assurbanípal, sua mais próxima correspondente em tamanho, era para o uso do rei e especializada em matérias adequadas para suas necessidades particulares. Apesar de sua extensão e variedade, a coleção de Aristóteles era estritamente pessoal, uma ferramenta para seus variados estudos. A Biblioteca de Alexandria era abrangente, reunindo livros de todos os tipos oriundos de todos os lugares, e era pública, aberta para qualquer pessoa academicamente apta ou com qualificações literárias. O que levou tal instituição a surgir exatamente nessa época? Por que em Alexandria, uma cidade que não era muito mais velha que a própria biblioteca?

A espetacular campanha de Alexandre o Grande, que conquistou um império que se estendia de sua terra natal na Macedônia até a fronteira ocidental da Índia, transformou o mundo grego. Até então, a maioria dos gregos era de cidadãos das cidades-estados – mininações compostas por uma cidade e seus arredores imediatos. Cada uma delas tinha sua própria política e cultura, cada uma mantinha o foco sobre si mesma e era totalmente independente. As conquistas de Alexandre deram fim nisso. Daí em diante, praticamente todas as cidades-estados estavam dentro de um ou de outro império, sujeitas a ou rigidamente controladas por um governante autocrático.

A morte de Alexandre em 323 a.C. desencadeou uma luta incansável no seletivo grupo de macedônios que haviam servido como oficiais de alta patente. Extremamente hábeis e cruelmente ambiciosos, cada um estava pronto para se apoderar da maior parte possível do reino de seu ex-comandante. Logo depois de 300 a.C., uma espécie de equilíbrio havia sido alcançada. O império que Alexandre tinha reunido tinha sido despedaçado em três grandes blocos: a dinastia dos antigônidas, com sua capital na cidade natal de Macedônia, controlava a Grécia; os selêucidas, com a capital em Antioquia e em Seleuceia, perto da Babilônia, controlavam a maior parte da Ásia Menor, Síria e Mesopotâmia; e os Ptolemeus, com sua capital na cidade que Alexandre havia fundado em 331 e nomeado em sua própria homenagem, controlavam o Egito. A época desse novo mundo de grandes impérios gregos é conhecida como Período Helenístico e durou até o fim do primeiro século a.C., quando os romanos acabaram de engoli-lo.

A cultura das cidades-estados havia sido insular, construída sobre os pequenos mundos que seus cidadãos habitavam e refletindo-os. O Período Helenístico deu origem a uma cultura que ultrapassou as estreitas fronteiras geográficas mais ou menos comuns aos gregos, onde quer que eles vivessem. As cidades-estados não tinham grandes fundos à sua disposição, apenas o que os recursos locais podiam produzir; os governantes dos reinos helenísticos possuíam tesouros imperiais aos quais recorrer. Foi uma época em que os interesses intelectuais foram inevitavelmente mais amplos que antes – e na qual governantes podiam arcar com o custo para subsidiá-los.

Na divisão da pilhagem do território, os Ptolemeus se saíram melhor. O Egito era muito mais rico do que as terras dos seus rivais. Em primeiro lugar, o solo fértil ao longo do Nilo produzia uma abundante colheita de grãos, e os grãos eram para o mundo grego e romano o que o petróleo é para nós. Eles comandavam o mercado em todos os lugares. Em segundo lugar, o Egito era o habitat por excelência da planta do papiro, garantindo dessa forma aos seus governantes o monopólio do principal material de escrita do mundo. Todos os monarcas helenistas buscavam adornar suas capitais com grandiosa arquitetura e construir uma reputação para a cultura. Os Ptolemeus, capazes de gastar mais do

que os outros, assumiram a liderança. Os primeiros quatro membros da dinastia, sendo eles próprios intelectuais, se concentraram na reputação cultural de Alexandria. Ptolemeu I (305-282 a.C.) era um historiador, autor de uma fidedigna narrativa da campanha de conquista de Alexandre. E ele deve pelo menos ter se aventurado na matemática, porque foi ele que, perguntando a Euclides se não havia um caminho mais curto para aprender geometria através de *Os Elementos*, recebeu a famosa resposta: "Não há uma estrada real". Ptolemeu II (282-246 a.C.) era um ávido zoólogo, Ptolemeu III (246-222 a.C.), um dramaturgo e Ptolemeu IV (222-205 a.C.). Todos eles escolheram convocar sábios e cientistas como tutores de seus filhos. Não é nenhuma surpresa que esses homens procuraram fazer de suas capitais o centro cultural do mundo grego.

Eles tiveram que começar do zero. Alexandria era uma cidade novinha em folha com uma população que consistia, na sua maioria, em soldados e marinheiros das forças armadas dos Ptolemeus, burocratas e funcionários da administração, e o grupo heterogêneo de comerciantes, homens de negócios, artesãos, vigaristas e outros que viram oportunidade em, por assim dizer, um campo de jogo fresco. Os intelectuais precisavam ser convencidos a ir para um lugar que, aparentemente, era um deserto cultural. Os Ptolemeus ofereciam incentivos tão irresistíveis que, no curso do século III a.C., período do zênite cultural da cidade, foram capazes de reunir ali uma comunidade estelar. De Atenas, Ptolemeu I conseguiu trazer não apenas Euclides, mas também Strato, o principal médico da época. Ptolemeu III conseguiu Eratóstenes, o geógrafo cujo cálculo da circunferência da Terra era surpreendentemente preciso. Herófilo, pioneiro no estudo da anatomia, depois de treinar no renomado centro médico na ilha de Cós, onde Hipócrates havia praticado, estabeleceu-se em Alexandria. Até mesmo o grande Arquimedes foi persuadido a deixar sua nativa Siracusa para uma curta estadia lá.

O que ajudou enormemente a atrair intelectuais para a cidade foi a fundação, por Ptolemeu I, de um famoso Museu. Nos tempos antigos, a palavra "museu" normalmente se referia a um estabelecimento religioso, um templo para a veneração das musas. A criação de Ptolemeu era um templo figurativo para as musas, um lugar para se

cultivar as artes que elas simbolizavam. Era uma antiga versão de um grupo de reflexão: os membros, notáveis escritores, poetas, cientistas e eruditos, eram nomeados por Ptolemeu por toda a vida e gozavam de um salário considerável, isenção de impostos (um benefício nada desprezível no reino de Ptolemeu), alojamento e alimentação. Não havia perigo de os fundos se esgotarem, uma vez que a instituição possuía uma dotação concedida por Ptolemeu I quando ele a fundou. Para os aposentos do museu, ele escolheu uma área no palácio que incluía uma sala onde os membros poderiam jantar juntos. Em suma, eles eram poupados dos detalhes menores da vida quotidiana para que passassem seu tempo em elevadas buscas intelectuais – exatamente como os seus contemporâneos nos atuais grupos de reflexão. E, como hoje, os membros nem sempre concordavam uns com os outros; um gaiato os descreve como:

os rabiscadores ratos de biblioteca que são encontrados
na populosa nação do Egito,
em debate interminável enquanto se reúnem em torno
do lugar de alimentação das musas.

Além dos seus benefícios pessoais, esse mimado grupo tinha à sua disposição um incalculável recurso intelectual: foi para eles que os Ptolemeus fundaram a Biblioteca de Alexandria.

Ela foi ideia original de Ptolemeu I, mesmo que não tenha se concretizado até o reinado de seu filho. Por volta da época de Ptolemeu III havia duas bibliotecas, a maior delas no palácio servindo aos membros do Museu, e uma “biblioteca filha”, localizada no santuário do deus Serapis, não longe de lá. Nada sabemos sobre os arranjos físicos das bibliotecas, exceto o fato negativo de que nenhuma delas tinha um prédio para si mesma. A biblioteca principal muito provavelmente consistia em uma colunata com uma fileira de salas atrás, uma característica comum nos palácios contemporâneos: as salas servir para guardar os repositórios e a colunata fornecia espaço para os leitores. A outra biblioteca provavelmente tinha um arranjo similar.

O primeiro problema que os Ptolemeus enfrentaram foram as aquisições. O Egito ostentava uma cultura longa e distinta, e havia

livros – em egípcio – em grande quantidade em todo lugar. Havia livros gregos para serem comprados em Atenas e Rodes e em outros reconhecidos centros de cultura grega, mas não na recém-desenvolvida Alexandria. A solução encontrada pelos Ptolemeus foi o dinheiro e a arbitrariedade. Eles enviavam agentes com bolsas cheias de dinheiro e ordens para comprar qualquer livro que pudessem, de qualquer tipo, sobre todos os assuntos, e, quanto mais antigo fosse o exemplar, melhor. Os livros antigos eram preferidos porque, tendo sofrido menos cópias, estavam muito menos propensos a conter erros. Os agentes seguiam as ordens tão energicamente que, segundo uma antiga autoridade, para atender à demanda, surgiu uma nova indústria – a falsificação de exemplares “antigos”. O que os Ptolemeus não podiam comprar, eles requisitavam: por exemplo, confiscavam quaisquer livros encontrados em navios que estivessem descarregando em Alexandria; os proprietários recebiam cópias (uma das vantagens que os Ptolemeus realmente tinham era ter papel de papiro de sobra para realizar as cópias) e os originais iam para a biblioteca. Ptolemeu III estava tão concentrado em se apoderar das versões oficiais de Atenas das peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides que estava disposto não só a gastar uma enorme quantia, mas também a trapacear na negociação. Pediu emprestados os preciosos rolos para fazer cópias deles. Os patriarcas da cidade devem ter suspeitado, pois insistiram que ele pagasse uma caução de quinze talentos – uma soma enorme, o equivalente a milhões de dólares – para assegurar o seu regresso. Ele fez as cópias corretamente, usando um luxuoso conjunto de papéis de papiro da mais fina qualidade, e as enviou de volta em vez dos originais. Não havia nada que os atenienses pudessem fazer, exceto ficar com a caução.

Os livros recém-adquiridos eram empilhados em armazéns enquanto passavam por procedimentos preliminares de acessão. Os rolos geralmente recebiam uma etiqueta anexada numa das extremidades contendo o nome do autor e a etnia. A etnia era essencial porque os gregos tinham apenas um nome, e muitos se tornavam comuns: diferentes pessoas, frequentemente, tinham o mesmo nome. Uma identificação adicional do armazém era acrescentada às etiquetas para ajudar a distinguir entre si os exemplares de uma mesma obra. Algumas eram

marcadas com a proveniência; dessa forma, os livros que tinham sido apreendidos nas docas continham a inscrição *ek ploion*, “dos navios”. Outras eram marcadas com o nome do editor ou do antigo dono.

A política era adquirir tudo, desde a exaltada poesia épica até um prosaico livro de receitas; os Ptolemeus desejavam tornar a coleção um abrangente repositório de escritos gregos, bem como uma ferramenta para a pesquisa. Também incluíram traduções em grego de importantes obras em outras línguas. O exemplo mais conhecido é a Septuaginta, a versão grega do Velho Testamento (o nome significa “setenta” e deriva, arredondando-se o número, da tradição de que essa versão teria sido feita por setenta e dois tradutores). Seu principal propósito era servir à comunidade judaica, onde muitos dos membros falavam apenas grego e não podiam mais compreender o Hebreu ou o Aramaico. A iniciativa foi encorajada por Ptolemeu, que sem dúvida queria a obra na sua coleção. A biblioteca muito provavelmente tinha uma cópia da lista cronológica dos faraós que um sacerdote egípcio chamado Mâneton tinha traduzido do egípcio para o grego.

Ptolemeu II garantiu que fosse dada especial atenção aos clássicos da literatura – as obras dos grandes dramaturgos atenienses, de Homero e de outros poetas antigos. A biblioteca se tornou particularmente forte em Homero, e por uma boa razão: Homero era o poeta, venerado por todos os gregos, não importando de que cidade ou região eram provenientes; admiravam seus épicos como nós fazemos com a Bíblia. Por séculos, gerações tinham escutado em êxtase os bardos recitá-los; a partir do século VI a.C., quando os poemas foram finalmente passados para a forma escrita, eles eram também lidos, e ainda mais importante, usados como textos escolares para as crianças. No entanto, nenhuma versão oficial jamais havia sido criada. Durante a época em que a biblioteca estava reunindo sua coleção, inúmeras cópias existiram com inúmeras diferenças nos textos que apresentavam: omissão de linhas, adição de linhas, transposição de linhas, variação na redação e outras coisas mais. Por conseguinte, a biblioteca adquiriu múltiplas cópias, distinguindo-as da maneira descrita acima, especialmente pela proveniência: possuía uma cópia “de Quios”, outra “de Argos”, outra “de Sinope” e assim por diante. Tais repositórios tornaram possível a

realização de uma das primeiras empreitadas da erudição alexandrina, o estabelecimento de um texto padrão para estas que são as mais estimadas obras da literatura grega.

Os rolos na biblioteca principal totalizavam 490 mil, e na “biblioteca filha”, 42.800. Isso não nos diz nada sobre o número de autores representados ou de obras, uma vez que muitos rolos continham mais de uma obra – e muitos, como no caso de Homero, eram duplicatas. Também não sabemos qual era a divisão de função entre as duas bibliotecas. A biblioteca principal, localizada no palácio, devia ser, em primeiro lugar, para uso dos membros do Museu. A outra, situada em um santuário religioso com acesso mais ou menos irrestrito, pode muito bem ter servido a um grupo mais amplo de leitores. Talvez seja por isso que seus repositórios eram muito menores: eram limitados a obras, como os clássicos básicos da literatura, que o público geral provavelmente gostaria de consultar.

Chefiando a biblioteca, havia um diretor nomeado pela corte, um intelectual luminar que sempre tinha a missão adicional de servir como tutor das crianças reais. O primeiro a ocupar o cargo foi Zenódoto, famoso como pioneiro em estabelecer um texto correto para os poemas de Homero. Ele também foi, inevitavelmente, um pioneiro na ciência da biblioteconomia, uma vez que deve ter sido ele quem organizou o sistema usado para armazenar as obras na biblioteca. Citamos acima a afirmação de Estrabão de que Aristóteles “foi o primeiro a ter ensinado para os reis do Egito como organizar uma biblioteca”; presumivelmente, Zenódoto adaptou o que Aristóteles havia elaborado para a sua coleção a fim de servir a essa, muito maior. Seu primeiro passo deve ter sido ordenar os rolos de acordo com a natureza do seu conteúdo – verso ou prosa, literário ou científico, qual a classificação dos literários, qual a classificação dos científicos e assim por diante. As etiquetas forneciam os nomes dos autores, e qualquer outra identificação era acrescentada durante os procedimentos de controle de acesso. Mas frequentemente não apresentavam o título: muitos rolos continham mais de uma obra, e muitas obras, como as compilações de poesia, dificilmente poderiam receber um simples título. Quando faltava um título, Zenódoto precisava desenrolar o rolo e passar os olhos pelo texto. O próximo passo

era atribuir salas, ou parte de salas, para as várias categorias de escritos que ele tinha decidido criar. Então, ele colocava as obras apropriadas nas estantes, arrumando-as por autor, em ordem alfabética.

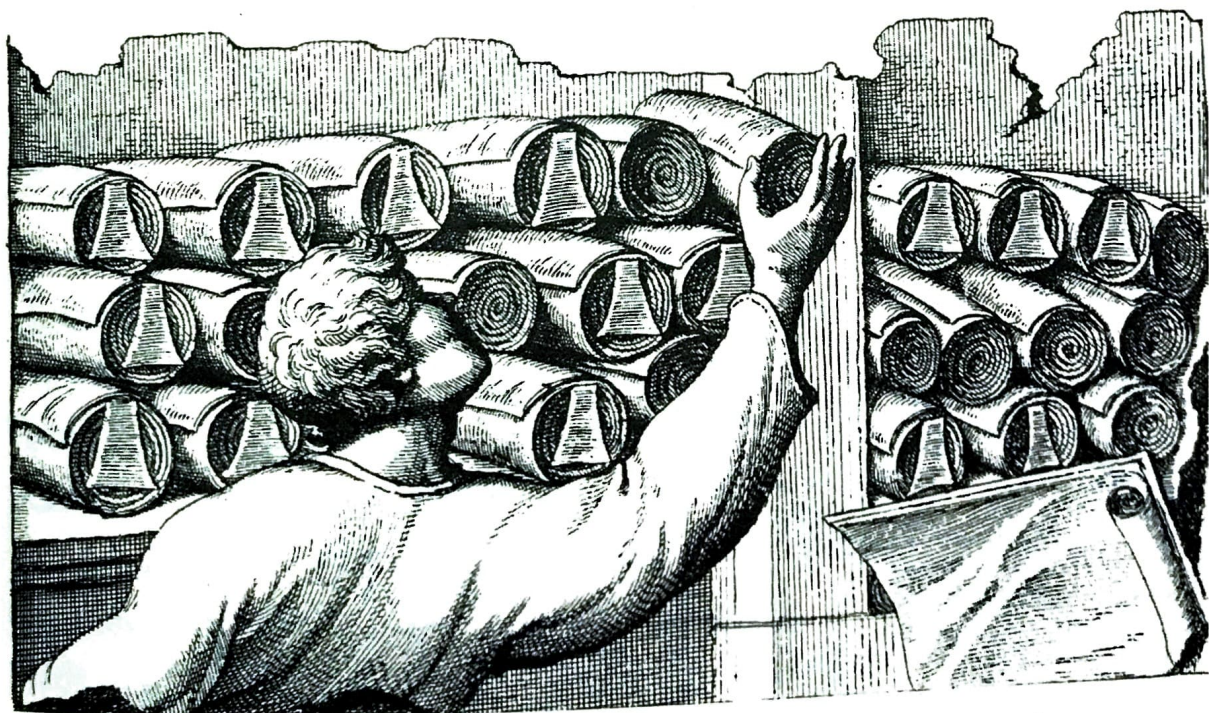
Isso nos leva a uma das maiores contribuições que devemos aos estudiosos da Biblioteca de Alexandria: a ordem alfabética como um modo de organização. Até onde sabemos, Zenódoto foi o primeiro a empregá-la, em um glossário de palavras raras que ele compilou. Uma vez que há indicações claras de que: desde o começo, os repositórios da biblioteca foram organizados alfabeticamente nas estantes, a conclusão natural é que Zenódoto, tendo achado o sistema útil para seu glossário, aplicou-o à coleção. A alfabetização ia apenas até a primeira letra – essa era a prática de todos os estudiosos antigos para todos os propósitos durante séculos. Foi somente no segundo século d.C. que a alfabetização plena apareceu.

Enquanto colocava em prática a organização inicial da biblioteca, Zenódoto deve ter recrutado a equipe que ela precisava – classificadoras, inspetores, atendentes, pajens, copistas, restauradores, entre outros. Devem ter havido dúzias desses empregados, mas não temos nenhuma informação sobre eles – apenas supomos sua existência. Como muitos dos trabalhadores das áreas administrativas no mundo grego e romano, a grande maioria muito provavelmente era constituída por escravos.

Nos primeiros anos da biblioteca, quando os repositórios eram relativamente limitados, bastava ter um sistema que permitisse ao usuário encontrar o que estava procurando ao se dirigir a uma determinada sala ou a um determinado conjunto de estantes em uma sala, passando seus olhos sobre as etiquetas dos rolos alinhados ali em grosseira ordem alfabética. Na verdade, o sistema era suficiente para usuários inveterados, mesmo quando a biblioteca estava na força total. A história diz que Aristófanes de Bizâncio, que foi diretor de cerca de 200 a 185 a.C. e que “trabalhando diariamente com o máximo dinamismo e diligência leu sistematicamente até o fim todos os livros”, ao servir como um juiz em uma competição de poetas realizada diante do rei, desclassificou todos por razões de plágio, exceto um. Chamado pelo rei para provar seu caso, ele correu até a biblioteca e “respondendo apenas de memória, a partir de certas estantes produziu uma braçada de rolos”.

O feito pode ter sido possível para um homem como Aristófanes de Bizâncio, mas, depois que a coleção havia atingido certo tamanho, leitores comuns precisavam do mesmo tipo de ajuda que se usa hoje para conseguir localizar as obras. Ela era dada por uma figura de elevada importância não apenas na história da Biblioteca de Alexandria, como na história da erudição também. Era um homem que combinava a habilidade em escrever versos criativos com a disposição em se submeter à labuta do enfadonho trabalho de compilar centenas de listas envolvendo milhares de entradas: Calímaco de Cirene.

Seu local de nascimento, Cirene, um porto marítimo na costa da Líbia, a oeste de Alexandria, na época era governado pelos Ptolemeus. Sua família, do alto escalão, estava em situação precária. Ele se mudou para a capital e aceitou um trabalho como professor numa escola elementar do subúrbio. De alguma maneira chamou atenção de Ptolemeu I, que o convidou para se juntar ao círculo de intelectuais da corte; durante o reinado de Ptolemeu II, Calímaco foi uma figura dominante. Pode ter sucedido Zenódoto como diretor da biblioteca; se não, certamente esteve de alguma forma no comando dela, porque, até onde podemos dizer, foi ele o homem responsável por sua catalogação.



3.1 Desenho a lápis de um relevo do período romano mostrando rolos, a maioria com etiquetas de identificação, empilhados em uma prateleira com três níveis.

Como estudioso, a maior realização de Calímaco foi a monumental compilação das “Tábuas” *Pinakes*, ou, para dar seu título completo, “Tábuas das pessoas eminentes em todos os ramos da aprendizagem, junto com uma lista de seus escritos”. Era uma detalhada pesquisa bibliográfica de todos os escritos gregos; ocupava 120 livros, cinco vezes mais do que a *Ilíada* de Homero. O que tornou tal projeto possível foi a existência da Biblioteca de Alexandria, em cujas prateleiras todos esses escritos, com raras exceções, podiam ser encontrados. E há uma concordância geral de que a compilação se originou daí ou foi uma expansão de uma lista das prateleiras¹ do repositório da biblioteca que Calímaco havia preparado.

As *Pinakes* não sobreviveram. No entanto, temos bastantes referências e citações referentes a ela em trabalhos escolares dos últimos séculos, que fornecem uma nítida ideia de sua natureza e extensão. Calímaco dividiu todos os escritores gregos em categorias – “tábuas”, para usar sua terminologia. Estas, sem dúvida, eram em grande parte as mesmas categorias de acordo com as quais os repositórios da biblioteca tinham sido arquivados e, portanto, eram aquelas de sua lista de prateleiras. Ele fez uma divisão inicial básica em poesia e prosa, e quebrou cada uma delas em subdivisões. Para poesia, havia uma tabela de poetas dramáticos, com uma partição em uma sub-tabela de escritores de tragédia e outra de escritores de comédia; uma tabela de poetas épicos; uma tabela de poetas líricos e assim por diante. Para escritores de prosa, havia uma tabela de filósofos, de oradores, de historiadores, de escritores de medicina e até mesmo uma “tabela de miscelânea” (é aqui que os livros de receitas são listados). Cada tabela continha nomes dos autores em ordem alfabética (apenas pela primeira letra, é claro). Cada autor tinha um breve esboço biográfico que incluía o nome do pai, local de nascimento e, às vezes, um apelido – detalhes úteis para distinguir um do outro escritor com o mesmo nome. Aqui, por exemplo, está

¹ O autor usa a expressão *shelf-list*, sem tradução para o português, a qual, literalmente, significa lista de prateleiras, ou seja, *shelf-list* é a lista das obras de uma biblioteca organizada pela ordem na qual os livros são guardados nas prateleiras.

uma entrada para o famoso astrônomo Eudoxo, a qual, se não está escrita exatamente com as palavras de Calímaco, deriva delas:

Eudoxo, pai Ésquines de Cnido; astrônomo, geômetra, médico, legislador. Estudou geometria com Arquitas e medicina com Filistion da Sicília.

Depois do esboço biográfico vinha uma lista das obras do autor em ordem alfabética – que, em muitos casos, deve ter continuado coluna após coluna. Uma lista preservada das peças de Ésquilo muito provavelmente se remete a Calímaco; ela se estende por 73 títulos. A entrada de Eurípides deve ter em torno desse número e a de Sófocles ultrapassa uma centena. Há uma lista sobrevivente das obras completas de Teofrasto, o prolífico sábio que se tornou chefe da escola de Aristóteles quando este morreu; em última análise, essa lista provavelmente se deriva da entrada de Calímaco e contém nada menos que 219 títulos.

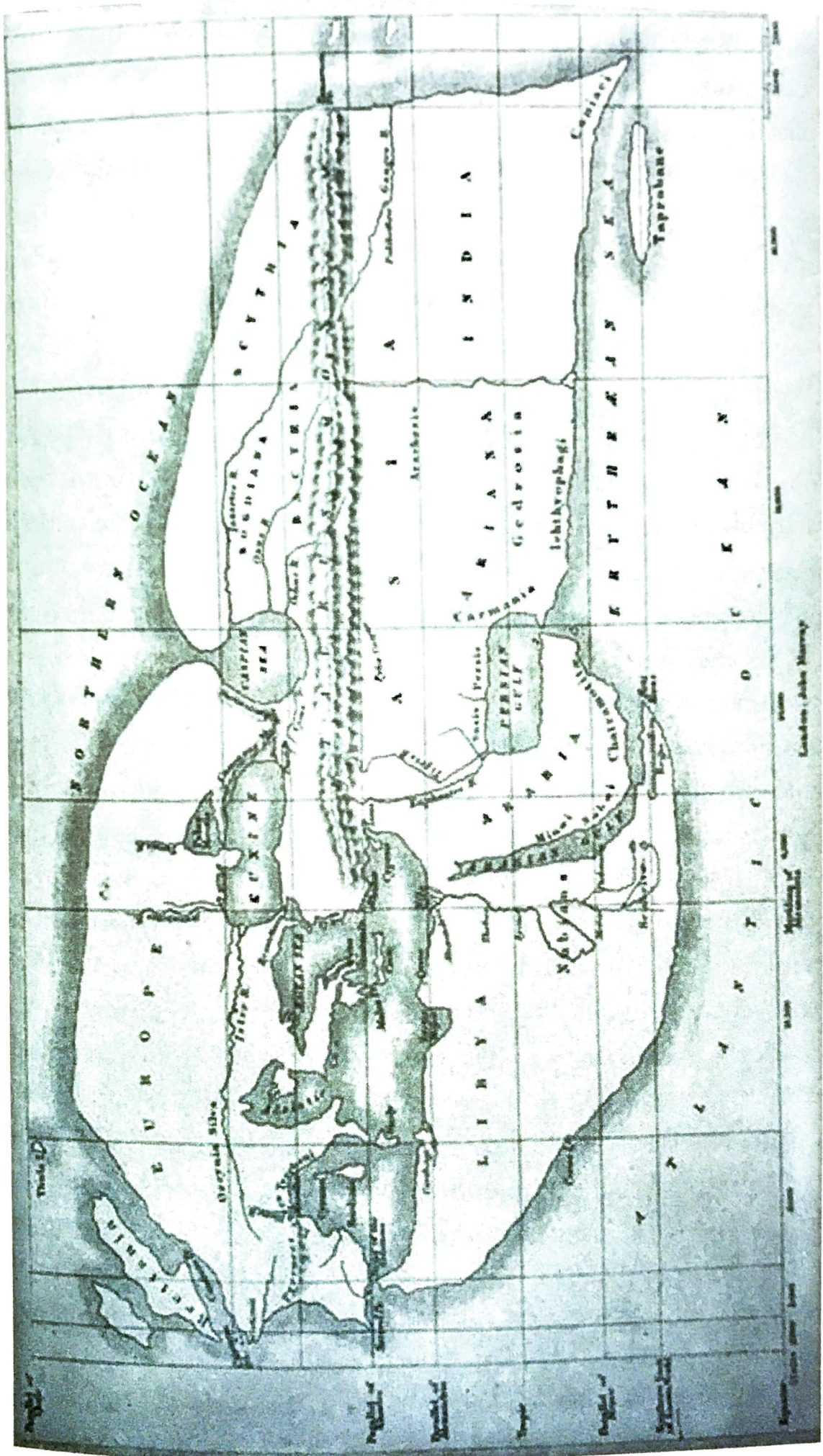
Um problema-chave com o qual Calímaco se defrontou foi como controlar as entradas que envolvessem mais de uma categoria. No caso de Aristófanes, por exemplo, esse problema não surgiu: autor somente de comédias, ele foi listado na tabela de tais escritores (sem dúvida perto do topo, uma vez que seu nome começa com alfa). Mas onde Calímaco colocou a si próprio, ele que era autor tanto de prosa quanto de poesia, e de diferentes espécies de cada? Será que listou a si mesmo em múltiplos lugares, completando a informação com um esboço biográfico? Será que usou referências cruzadas? Não temos nenhuma maneira de saber.

Listas de escritos de um ou outro tipo foram delineadas antes. As “tabelas” de Calímaco foram as primeiras a serem abrangentes: forneciam uma apresentação sistemática, em um conjunto de rolos, de todos os escritos em grego – literários, científicos e até mesmo utilitários, tais como livros de receitas. Calímaco foi capaz de realizar isso porque pôde consultar praticamente todos eles, ali mesmo, na Biblioteca de Alexandria. Por sua vez, forneceu uma chave para a vasta coleção: a partir de suas *Pinakes*, os usuários podiam determinar a existência de qualquer obra em particular; a partir de sua “lista de prateleiras”, ele

podia determinar sua localização. Calímaco criou uma ferramenta de referência de vital importância.

Personagens dominantes da fase inicial da erudição alexandrina, a primeira metade do século III a.C., Zenódoto e Calímaco eram ambos focados em literatura. O próximo grande personagem, Eratóstenes, que atuou como diretor desde cerca de 245 a.C. até 205 a.C. e dominou a segunda metade do século, deixou sua marca na ciência. Coincidentemente, ele também era instruído em muitos outros campos – campos demais, de acordo com colegas difamadores no Museu, que o apelidaram de *Beta*, “Nº 2”, ou seja, o homem que se dividiu com tão pouca densidade sobre uma série de áreas que é incapaz de ser Nº 1 em qualquer uma delas. Não é verdade: Eratóstenes era qualificado como *Alfa* em geografia, não há dúvidas quanto a isso. Escreveu pelo menos dois livros sobre o assunto; nenhum sobreviveu, mas a partir de discussões sobre eles em geógrafos posteriores, sabemos muito do que estava registrado neles. Habilitado em astronomia e geometria, empregou ambas a serviço da geografia para determinar o tamanho do globo e encaixar nele as terras conhecidas. Já nos referimos ao seu surpreendentemente preciso cálculo da circunferência da Terra. As terras conhecidas, em seu mapa *mundi*, formam uma vasta massa oblonga que se estende desde o Oceano Atlântico a oeste até um oceano bloqueando a Índia a leste. Os repositórios da biblioteca não apenas permitiram a ele sintetizar os escritos de seus predecessores como o supriram com informações novas sobre áreas que eles mal conheciam. Para a Índia, limite do conhecimento geográfico ao leste, ele foi capaz de consultar as narrativas deixadas pelos membros da expedição de Alexandre. Para a costa leste da África, outra área remota, pôde consultar os relatórios das equipes dos Ptolemeus, enviadas para lugares distantes, como a Somália, para caçar elefantes para o corpo de elefantes do exército.

Dois notáveis eruditos que seguiram Eratóstenes, ambos diretores da biblioteca, Aristófanes de Bizâncio, de cerca de 205 até 185 a.C., e Aristarco, de cerca de 175 até 145 a.C., trouxeram o foco de volta para a literatura e para a linguagem, tornando essa metade de século uma época de ouro para a pesquisa nesses campos.



3.2 Reconstrução do século XIX do mapa do mundo conhecido de Eratóstenes.

Zenódoto, o primeiro diretor da biblioteca, tinha dado os primeiros passos para estabelecer um texto correto das obras de Homero por meio da comparação e análise das diferentes versões dos poemas nas várias cópias disponíveis, do mesmo modo que os especialistas de Shakespeare fazem hoje com as várias versões *in quarto* e *in folio* das edições de suas peças. Aristófanes e Aristarco continuaram a fazer isso em maior profundidade e também para os outros poetas – Hesíodo, Píndaro e os poetas líricos. E Aristarco apresentou suas descobertas em comentários, livros nos quais ele cita determinadas passagens e depois segue cada passagem com observações – sobre seu significado, sobre qualquer termo ou expressão não usual que ela contenha, sobre se as palavras são genuinamente do autor, entre outras coisas. Ele inclusive tratou de um escritor de prosa, Heródoto, dessa maneira. Tais comentários, explorados por gerações de comentadores subsequentes, são os ancestrais das atuais múltiplas edições anotadas, desde os primeiros alunos de latim dos textos de César até a última “chave” para o *Ulisses* de Joyce.

Outra área dos estudos literários em que eles se aprofundaram foi a lexicografia. As palavras raras e arcaicas que apareciam em Homero e em outros poetas mais antigos sempre interessaram aos intelectuais gregos. A primeira tentativa formal para tratá-las foi feita por um poeta erudito, Filetas, que viveu por volta de 300 a.C. Ele compilou uma obra chamada *Miscellaneous Words*, na qual comenta, em arranjo não sistemático, sobre uma mistura de tais termos. Foi um grande sucesso, e se tornou tão conhecida e tão familiar para as pessoas comuns como é hoje, digamos, o Dicionário Webster. Assim, em uma comédia encenada pelo menos meio século depois da época de Filetas, há uma cena na qual um anfitrião que planeja dar um jantar diz como o fornecedor que contratou discutiu o menu em tão pomposa e arcaica linguagem que “ninguém na Terra podia entendê-lo; [...] era preciso conseguir as obras completas de Filetas e procurar o significado de cada palavra”. Zenódoto, seguindo o caminho de Filetas, fez uma compilação similar e introduziu, como observamos antes, a grande melhoria de colocar as entradas em ordem alfabética. Aristófanes de Bizâncio deu o próximo passo lógico: em uma obra chamada *Lexeis*, ou “Palavras”, ele incluiu palavras de todas as espécies, atuais e antigas, que de alguma

maneira requeriam comentário ou explicação. Como tantas obras dos eruditos dessa época, essa não sobreviveu, e só sabemos sobre ela por meio de referências posteriores. Aqui vai um extrato de um glossário que, datando de cerca de quatro séculos mais tarde, talvez basicamente se remeta a essa obra; mesmo se não o fizer, ele segue sua tradição:

melygion Uma bebida cita. Glauco, em seu primeiro livro *A descrição de lugares que se encontra em direção à esquerda do Mar Negro*: “Quando os condutores concordaram, ele dispensou a assembleia, e eles, indo cada um para sua própria casa, prepararam o *melygion*”. Esse drinque é mais intoxicante do que o vinho. É feito de mel fervido com água, com a adição de uma certa erva; visto que seu país produz muito mel e também cerveja, que eles fazem sem painço.

melôdia Termo obsoleto para “tragédia”. Ver Comentários de Calímaco.

A primeira entrada trata de um termo incomum, uma palavra emprestada de alguma língua falada na região do Mar Negro. Começa com uma sucinta definição de dicionário, acrescenta – exatamente como no nosso grande *Oxford English Dictionary* – um exemplo de seu uso, e fecha com uma amplificação de detalhes. A segunda entrada trata de um significado obsoleto para um termo comum, e fornece a fonte da informação (nada menos que o eminente Calímaco).

Estudos em língua e literatura continuam a ser a principal preocupação durante a última fase da erudição em Alexandria, desde a segunda metade do século II a.C. até 30 a.C., quando a ocupação romana do Egito levou ao fim o reinado dos ptolemeus. Os resultados foram resumidos nas obras de Dídimos, um estudioso tão infatigável que produziu 3.500 livros de acordo com uma autoridade, 4.000 segundo outra, e ganhou o apelido de Chalkenteros, “Coragem de Bronze”, que é o tipo de coragem que ele assumiu para obter um resultado tão prodigioso. Coragem de Bronze viveu durante a segunda metade do primeiro século a.C., trabalhando arduamente na biblioteca enquanto o mundo ocidental estava sendo

dilacerado pelas guerras civis romanas. Produziu comentários em abundância sobre a *Iliada*, sobre a *Odisseia*, sobre as peças dos poetas cômicos – especialmente aquelas de Aristófanes –, sobre as peças dos poetas trágicos – especialmente Sófocles – e sobre as orações de Demóstenes. Redigiu inúmeros glossários, não sobre todas as palavras como fez Aristófanes de Bizâncio, mas de tipos particulares: glossário para os poetas cômicos, glossário para os poetas trágicos (esse tem pelo menos 28 livros a mais que a *Iliada*), glossário de palavras difíceis, glossário de termos metafóricos, glossário de palavras corrompidas em significado.

As primeiras duas fases da erudição alexandrina produziram ferramentas indispensáveis de aprendizado, como a edição de texto autorizado, o comentário e o glossário. A última fase acrescentou mais uma: a gramática. O autor foi Dionysius Thrax, “Dionísio o Trácio”. Era chamado assim porque seu pai tinha um nome que soava como Trácio; na verdade, ele era nativo da Alexandria, um dos poucos eruditos tratados aqui que nasceu naquela cidade. Foi aluno de Aristarco, e quando, numa reviravolta política em meados do século II a.C., seu professor foi forçado a deixar a cidade, ele também partiu e passou o resto de sua vida em Rodes. Todos os estudiosos de Alexandria, e particularmente o professor de Dionísio, tinham se envolvido, de uma forma ou de outra, com elementos e aspectos da gramática grega. A contribuição de Dionísio foi organizar o material em um todo coerente e, assim, tornar realidade o primeiro livro de gramática. Ao contrário dos muitos produtos da erudição alexandrina, a gramática sobreviveu e sabemos o que está contido nela. Em meras cinquenta páginas, Dionísio apresenta uma sucinta pesquisa da língua grega, começando com as letras do alfabeto e continuando através das várias partes da fala e suas formas, incluindo a declinação de nomes e conjugações de verbos. Permaneceu como a gramática padrão para os escolares gregos por mais de um milênio, até o século XX d.C. Os romanos tomaram-na como base para as suas gramáticas latinas, e assim ela se tornou o modelo para todas as gramáticas modernas.

★

Quanto tempo durou a Biblioteca de Alexandria? Somente até 40 a.C., quando ela foi destruída pelo fogo, dizem alguns. De modo algum, dizem outros; ela foi meramente danificada na ocasião, e não seriamente.

Em 50 a.C., César cruzou o Rubicão e precipitou a grande guerra civil entre ele e seus oponentes liderados por Pompeu. Dois anos depois, em Farsalos, no norte da Grécia, César obteve uma decisiva vitória, e Pompeu fugiu para Alexandria. Cesar, com apenas um punhado de navios e homens, saiu à sua caça. No momento em que chegou, Pompeu havia sido traiçoeiramente morto, mas César escolheu ficar. Cleópatra, filha do recém-falecido Ptolemeu XII, brigava com seu irmão para ver quem ficaria com o trono, e César estava interessado em apoiar a causa dessa cativante e talentosa jovem mulher. Quando a multidão de Alexandria foi incitada contra os romanos, a situação política explodiu em violência, e César, com suas escassas forças, se viu em dificuldades e perigo imediato. Ele se entrincheirou numa área do palácio que ficava próxima da orla marítima e, em determinado momento, para evitar o risco de “ser isolado de seus navios, foi forçado a repelir o perigo com fogo, e este, espalhando-se desde o estaleiro, destruiu a grande biblioteca”. Assim escreve Plutarco em sua vida de César. O historiador Dião Cássio tem uma versão um tanto diferente: “Muitos lugares foram incendiados, e o resultado foi que, juntamente com outros prédios, os estaleiros e os armazéns de grãos e livros – conhecidos como os melhores tanto em número quanto em qualidade – viraram cinzas”. Suas palavras foram tomadas no sentido de que a destruição não envolveu toda a biblioteca, mas foi limitada aos livros que por acaso estavam nos armazéns ao longo da água. Isso é reforçado por outras considerações. Dídimos, o chamado Coragem de Bronze, estava atuante nos anos posteriores a 48 a.C., e sua vasta e variada produção teria sido impossível sem que houvesse ao menos uma boa parte dos recursos da biblioteca à sua disposição. A biblioteca certamente existia durante o namoro de Marco Antônio com Cleópatra, nos dez anos que antecederam a Batalha de Ácio em 31 a.C., porque havia rumores de que Marco Antônio deu os 200 mil livros na biblioteca de Pérgamo, uma cidade dentro de sua esfera de comando, como um

presente para a sua enamorada – um presente que só poderia ter sido destinado à Biblioteca de Alexandria. Plutarco, que relatou o incidente, comenta que a sua fonte não é muito confiável, mas a história, verdadeira ou não, não poderia ter sido contada se a biblioteca tivesse deixado de existir. Há indicações de que a biblioteca estava sendo usada durante o governo dos imperadores romanos subsequentes, pois existe um registro de uma nomeação imperial de um diretor para ela, e Cláudio (41-54 d.C.) construiu um anexo para essa biblioteca (ver Cap.7).

Os últimos Ptolemeus, aqueles que ocuparam o trono da metade do século II a.C. em diante, foram confrontados com crescente instabilidade social e outros problemas, e a biblioteca não mais gozou da atenção que seus predecessores tinham despejado sobre ela. Na verdade, alguns deles usaram a diretoria como um cartucho político: Ptolemeu VIII (145-116 a.C.) deu o cargo a um oficial da guarda do palácio, e Ptolemeu IX Sóter II (88-81 a.C.) a um dos seus apoiadores políticos.

Depois que Roma tomou o comando do Egito em 30 a.C., os imperadores mantiveram ambos funcionando, o Museu e a biblioteca. Mas a filiação ao Museu agora era uma concessão, em sua maior parte, não para homens do saber, mas para homens que haviam se distinguido nos serviços governamentais, militares e até mesmo atléticos – o equivalente, de certo modo, aos graus honorários atuais. A mesma coisa possivelmente aconteceu no caso dos diretores da biblioteca, se pudermos generalizar a partir do único exemplo que conhecemos sobre isso: Tibério Cláudio Balbilo, que serviu em alguma época perto da metade do primeiro século d.C., foi um administrador, oficial governamental e militar.

O fim da biblioteca provavelmente veio mais ou menos em 270 d.C., quando o imperador Aureliano, durante a supressão da insurgência do reino de Palmira, se envolveu em uma amarga luta em Alexandria. Durante o conflito, a região do palácio foi devastada, incluindo, presumivelmente, a biblioteca.